

FH, o boquirroto

FNC
GLOBO

GERMANO OLIVEIRA

Depois dos últimos escorregões verbais de Fernando Henrique Cardoso — chamando de "vagabundos" os que se aposentam com menos de 50 anos e denominando como membros da "banda podre" os deputados que votaram contra a reforma da Previdência — o presidente da República está demonstrando na prática a falta que faz o ex-ministro das Comunicações Sérgio Motta, temporariamente morto em consequência de uma infecção pulmonar há cerca de um mês. Se Serjão estivesse vivo, certamente seria ele quem teria chamado de "vagabundos" os jovens aposentados e partiria dele a iniciativa de atacar a "banda podre" do Congresso. Afinal, ele era o boquirroto do Governo. Sem Serjão, seu melhor amigo, e sem ter encontrado um líder político à altura do ex-ministro para falar por ele, Fernando Henrique está assumindo o papel que era de Serjão. E está se desgastando por isso.

Quando Serjão estava vivo e disparava sua metralhadora giratória para todos os lados, atingindo adversários, como aconteceu com Maluf, a quem chamou de corrupto, e até aliados do Governo, muitos suspeitavam que o ex-ministro falava em nome do presidente, ou pelo menos com sua aquiescência. Mas FH sempre dizia que nada tinha a ver com os destemperos verbais de Serjão e até ensaiava repreendê-lo publicamente, para acalmar os ânimos dos que se sentiam atingidos, como aconteceu com o senador Antônio Carlos Magalhães, que quase ameaçou pedir a cabeça de Serjão ao presidente. Mas, o puxão de orelhas de FH doía o tempo suficiente para que Serjão voltasse à carga, falando o que FH não podia. Agora, sem Serjão, é o próprio presidente, que fala o que sempre gostaria de ter falado, mas não podia. E continua não podendo, como presidente apoiado por uma ampla aliança de centro-direita, conjuntura que nunca o deixou muito à vontade, do alto de sua formação de esquerda. Precisa encontrar logo outro boquirroto.

A única vez em que FH realmente não gostou dos destemperos de Serjão foi no episódio em que o ex-ministro disse que a Comunidade Solidária, presidida pela primeira dama, Ruth Cardoso, praticava a "masturbação sociológica". Ou seja, que se falava muito e se fazia pouco. Na ocasião, FH irritou-se de verdade. A relação entre os dois, amigos de 30 anos, chegou a ficar abalada. Nos outros casos, ao que parece, nem tanto.

Afinal, a incontinência verbal de Sérgio Motta era tão marcante que se ele estivesse vivo os responsáveis pela derrota que o Governo sofreu, na primeira votação da reforma da Previdência, teriam sido adjetivados com termos muito mais fortes do que o simples integrantes da "banda podre". Na verdade, o "trator" Sérgio Motta não teria apenas rasgado o verbo contra os infiéis, mas teria tomado outras providências mais duras para evitar que novas derrotas acontecessem. Ele era um articulador que sabia fazer contas e não perdia nenhuma votação importante no Congresso (vide a cara vitória na emenda da reeleição). Sempre tinha, na ponta do lápis, a garantia de que o Governo teria os votos necessários. Sem ele, acabou tendo 307 votos na primeira votação da Previdência.

Por isso, FH precisa arrumar, urgentemente, um substituto para Serjão. Caso contrário, o presidente continuará sofrendo desgastes desnecessários, num momento em que a campanha eleitoral para sua reeleição começa a entrar numa fase crítica. Faltando pouco mais de quatro meses para as eleições, FH só tem a perder chamando de "vagabundos" os aposentados com menos de 50 anos (e aí se incluem vários amigos seus que se aposentaram na tenra idade dos 40, como o ex-ministro Reinhold Stephanes) e se indispondo com os aliados da "banda podre" do Congresso. Afinal, o presidente vai precisar novamente desses pouco mais de 20 votos infiéis do PPB, do PFL e até do PSDB (poucos acreditaram que o ex-ministro Antônio Kandir errou mesmo o botão do placar eletrônico ao se abster, pois, afinal, ele é candidato a deputado federal e votar a favor de uma reforma que está criando polêmica nos sindicatos, onde tem sua base eleitoral, poderia ser ruim eleitoralmente).

Desgaste que o presidente precisa evitar, principalmente num momento em que as oposições conseguem uma aliança histórica, colocando no mesmo palanque Lula, Brizola, Arraes e João Amazonas, consolidando o que poucos imaginavam ser possível nesta eleição: a aliança do PT, com o PDT, o PSB e o PCdoB. A união dessas forças, por mais desconectadas que estejam em alguns estados, como no Rio, no Rio Grande do Sul e em Pernambuco (loais onde o palanque conjunto terá muita dificuldade para ser composto), pode começar a assustar FH, que tinha a reeleição praticamente garantida até agora por falta de adversários. O que, por si só, já pode justificar o descontrole verbal. Mas essa pressão deve aumentar. Afinal, com a aliança das esquerdas e o crescimento da candidatura do ex-ministro Ciro Gomes, resta a FH torcer para que a oposição do PMDB não consiga lançar candidato próprio (Itamar Franco ou José Sarney), porque, assim, certamente, o presidente poderá ver-se obrigado a tentar a reeleição apenas no segundo turno, e não continuar achando que será decidida a seu favor ainda no primeiro, como todas as pesquisas vinham indicando até agora. Para reverter esse quadro, FH precisa arrumar outro Serjão, torcer pelo aprofundamento dos rachas das oposições e rezar para que chova no Nordeste, já que a seca, aliada ao desemprego no Sudeste, são os calcanhares de Aquiles do presidente.